

A FAMÍLIA E A ECONOMIA FAMILIAR EM DIFERENTES CONTEXTOS SOCIAIS

Cícero José Tomaz¹

Email: thomaztc@uol.com.br

Cícero Moraes de Oliveira Júnior²

Email: cicero_jbg@hotmail.com

Artigo completo acessar link abaixo

<https://drive.google.com/file/d/1NipebtF-i8-gtp7lhv7afvz8HaUxXVyC/view?usp=sharing>

Este trabalho objetiva analisar, através da economia familiar, as características socioeconômicas e comportamentais dos indivíduos que interferem em suas práticas de consumo. Para a análise foram incluídas considerações oriundas de estudos no cotidiano rural e urbano que revelaram como essas relações são expressas em diferentes contextos históricos e culturais no orçamento familiar e nas práticas de consumo, assim como elementos relativos às relações de gênero, dispositivos de poder, trabalho, opressão e visões de mundo que sinalizam possibilidades de compreensão da contemporaneidade, ao demonstrar, ou permitir inferir, persistências históricas, relativas a presença dos indivíduos, em uma sociedade organizada a partir do modo de capitalista, que se de um lado, se apropriou progressivamente da organização da vida, por outro, não conseguiu diluir por completo formas de responder as necessidades do cotidiano. O estudo se baseia em teorias antropológicas, sociológicas, demográficas e psicológicas onde famílias atuam em cenários diversos, desde a submissão aos detentores da terra até a ascensão econômica de indivíduos originalmente pobres que em meio a mudanças e permanências, sinalizam o surgimento do debate sobre uma “nova classe social”.

Palavras chave: consumo, cultura, comércio, família, classes, capital.

Pensar a engrenagem das trocas e de criação dos mercados, ainda que resguardada as variações nos diferentes períodos e contextos, pode do ponto de vista de estudiosos e pesquisadores, ser sintetizada através da compreensão de como se caracterizou o movimento desta “engrenagem”, através das relações de consumo e as trocas nos diferentes grupos, uma vez que o consumo seja de bens essenciais ou supérfluos se apresenta como algo inerente ao comportamento do

¹ Psicólogo, Mestre em Consumo e Desenvolvimento Social – Professor da UNIT- PE

² Acadêmico do Curso de Psicologia da UNIT – PE

indivíduo desde épocas antigas. Nas comunidades primitivas onde a terra era essencial à vida, associada às atividades agrícolas, do pastoreio, da caça e da pesca os indivíduos já traziam consigo necessidades específicas de consumir além daquilo que produziam, ou de forma complementar a sua produção, surgindo então um sistema de trocas de objetos entre membros de um mesmo grupo ou de grupos diferentes ocasionando a partir daí o que poderia ser considerada uma maneira de se adquirir coisas, uma forma inicial de comércio que se desenvolvendo progressivamente e, em consonância com outras mudanças, como por exemplo de posse da terra, de ampliação de mercados e de intensificação das trocas, daria lugar a um processo de compra com dinheiro (ouro), passando daí a um sistema monetário que resultaria mais tarde no sistema de acumulação de bens e riquezas, no surgimento de castas e classes, da divisão do trabalho, do trabalho assalariado e do capital, esse último com mecanismos e tecnologias “modernas”, viria a complexificar a ocorrência e possibilidades das trocas, resultando em certa medida no domínio e controle das pessoas e seus hábitos de consumo nas sociedades modernas.

Na perspectiva marxista, o artesanato urbano se baseava na troca e na criação de valores de troca não tendo como objetivo principal o enriquecimento, mas sim o valor de uso das coisas. O valor de troca aparece como relação quantitativa nos valores de uso de um tipo e são trocados por valores de uso de outro tipo, numa relação que se altera constantemente no tempo e no espaço, (HOBBSAWM, 1981).

“Uma sociedade não pode parar de produzir tal como não pode parar de consumir”, escreveu Marx, enquanto Proudhon afirmou que trabalhar e comer são a única finalidade aparente do homem (BRAUDEL, 2005, p.11). Com a extinção da forma antiga de troca e com a descoberta já no século XII de que os preços flutuam, surgem os mercados com vínculos entre si, interligando as cidades e criando espaços de comercialização de produtos e mercadorias de todos os gêneros e para todas as classes sendo esses locais conhecidos como as feiras livres:

“Segundo uma expressão alemã, é o comércio de mão na mão, olhos nos olhos (*Hand-in-Hand, Auge-in-Auge*), a troca imediata: o que se vende, vende-se sem demora, o que se compra leva-se logo e paga-se no mesmo instante : o crédito é pouco utilizado, e só de uma feira para outra. Este antiquíssimo tipo de troca já era praticado em Pompéia, em Óstia, ou em Timgad, a Romana, e séculos, milênios antes: a Grécia antiga teve suas feiras; havia feiras na China clássica, bem como no

¹ Psicólogo, Mestre em Consumo e Desenvolvimento Social – Professor da UNIT- PE

² Acadêmico do Curso de Psicologia da UNIT – PE

Egito faraônico, na Babilônia, onde a troca foi tão precoce”.
(BRAUDEL,1996, p.15).

Com algumas transformações e características peculiares segundo a região onde funcionam, as feiras continuam resistindo e sobrevivendo até os dias atuais e presentes nos centros urbanos e nas zonas rurais. Um fenômeno que resguarda questões a serem reveladas uma vez que, a exemplo de outros fenômenos, coexiste em meio a engrenagem capitalista de apropriação dos mecanismos de troca e de organização dos mercados.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 7ª Ed., São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

BRAUDEL, Fernand. Civilização, Material, Economia e Capitalismo – Século XV-XVIII – Volume 2: Os jogos das Trocas, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HEREDIA, B. A morada da Vida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARX, Karl. Formações Econômicas Pré-Capitalistas, 4ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SOUZA, Jessé. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2010.

¹ Psicólogo, Mestre em Consumo e Desenvolvimento Social – Professor da UNIT- PE

² Acadêmico do Curso de Psicologia da UNIT – PE